

PARABÉNS MATILDE E INÊS!

Matilde Pinto e Inês Pinto venceram este ano o concurso “O Futuro dos Direitos é Agora”.

O concurso, destinado a crianças e jovens dos 6 (seis) aos 18 (dezoito) anos, procurou sensibilizar e estimular a compreensão dos direitos humanos por parte destes através da expressão artística, incentivando o debate e consciencialização em relação a valores como solidariedade, justiça, igualdade e tolerância.

Este concurso insere-se nas comemorações dos 50 anos do Provedor de Justiça em Portugal e resulta de uma parceria com a Comissão Nacional da Unesco e com a Rede de Escolas Associadas da UNESCO.

Num total de 123 candidaturas, estas duas alunas da nossa Escola estão de parabéns, por terem obtido o primeiro e o segundo lugares no escalão etário dos 16 aos 18 anos.

1º lugar

Matilde Pinto

Escola Secundária Filipa de Vilhena, Porto
«Fios condutores da nossa vida»
(categoria escrita criativa)

2º lugar

Inês Pinto

Escola Secundária Filipa de Vilhena, Porto
«A loucura da coragem»
(categoria pintura)

Matilde Pinto, aluna do curso de Ciências e Tecnologias do 11º Ano Turma C, apresentou um texto sobre a importância dos Direitos Humanos e o papel que eles desempenham nas nossas vidas.

Os fios condutores da nossa vida

Existem fios que são invisíveis, intocáveis, mas muito fortes. São como as raízes que estão escondidas debaixo do chão que pisamos, como uma brisa que passa por nós sem a sentirmos. Estes fios parecem insignificantes, porém são uma das únicas coisas que impedem a humanidade de escorregar para o lado sombrio da vida. Estes fios chamam-se direitos humanos, mas são na verdade a ideia de dar valor à pessoa apenas por esta existir.

Quando te levantas de manhã e tens um teto por cima da tua cabeça, existe um direito a dizer-te “Bom dia”. Quando vais à escola, mesmo sem vontade, e tens uma cadeira à tua espera, aparece outro direito, pois alguém um dia escreveu que todos têm o direito à educação. Quando expressas uma opinião, ou dizes algo inoportuno e ninguém te prende por isso, aparece outro direito, o da liberdade de expressão.

Mas, como acontece com tudo o que é valioso, esquecemo-nos porque é algo que está sempre presente, como o ar que respiramos, como a luz que entra pela janela numa manhã de verão. Só reparamos que existe quando desaparece; quando um corpo é empurrado porque a sua cor de pele é diferente; quando uma mulher é silenciada por expor a sua opinião; quando duas pessoas que se amam são forçadas pela sociedade que as rodeia a esconderem-se, porque ali o seu amor é crime. Quando ocorre esse corte brusco no tecido do nosso quotidiano, é que realmente entendemos o verdadeiro significado dos direitos humanos; São muros que nos protegem!

Os direitos humanos não vivem num discurso, num papel. Vivem nos gestos, na mão dada para ajudar o outro a erguer-se; vivem na palavra dita na hora certa. Vivem quando encaramos o outro como o nosso reflexo e não como uma ameaça.

Ainda assim, muitos consideram os direitos humanos como algo desnecessário. Pessoas que não conhecem realidades diferentes das suas, realidades em que a única opção é agarrar uma mala e fugir rumo ao desconhecido, com o objetivo de se proteger. Essas pessoas nunca tiveram o seu direito roubado, então não compreendem o que é viver sem ele.

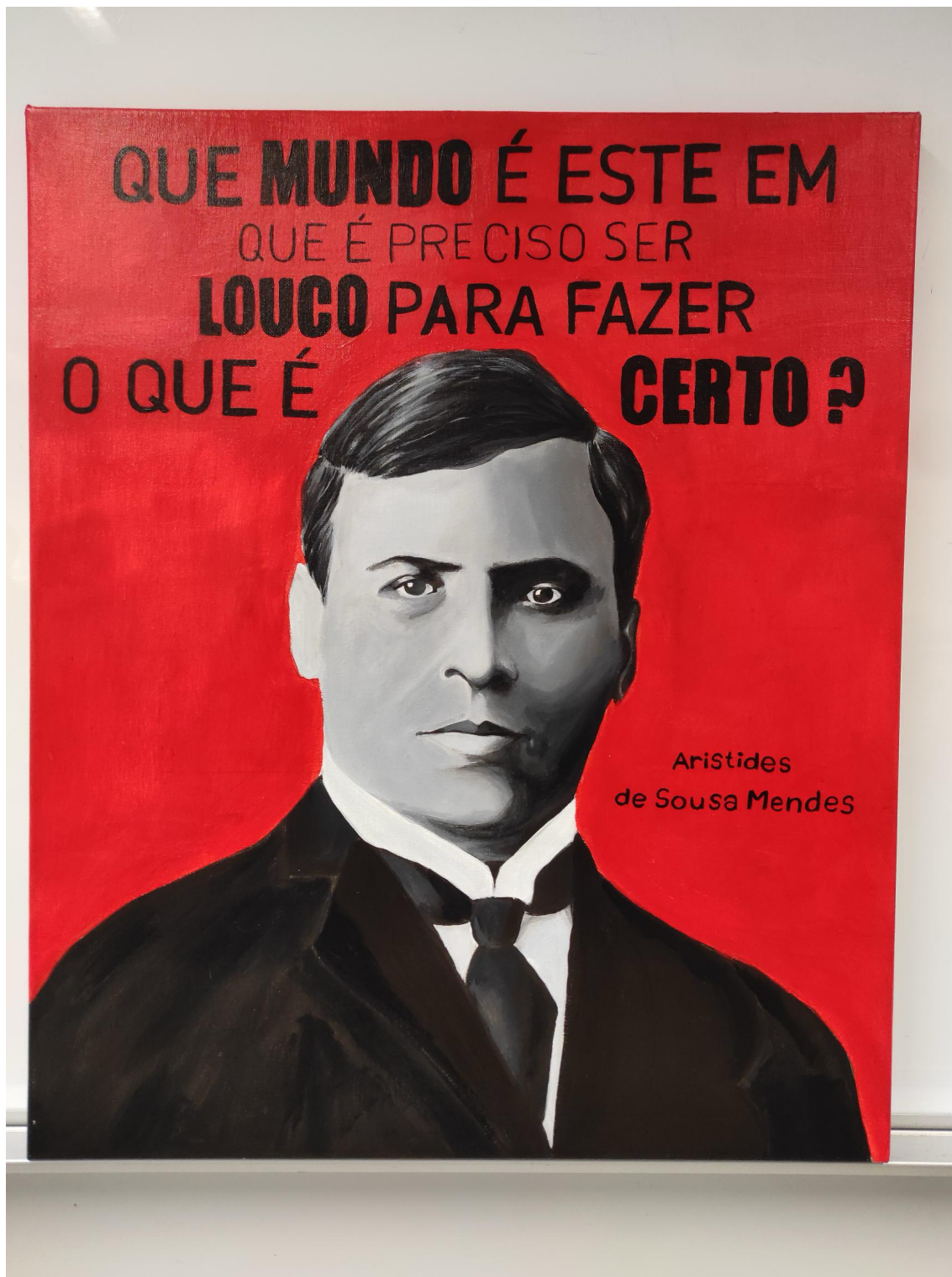
O país que habitamos é lindo e cheio de promessas. Mas ainda há crianças a serem esquecidas, bairros que são como jaulas, vozes que são caladas pela vergonha. Há ainda quem olhe de lado, quem não respeite o próximo; quem confunda vingança com justiça. Esta situação demonstra que esta luta ainda não terminou, que ainda temos muito por que lutar, que estamos apenas no meio desta incessante batalha.

Mas ainda há esperança para o nosso mundo. Está no abraço que não exige uma explicação; nos protestos pacíficos; na escuta do próximo; sempre que dizemos “Isto não está certo”. Defender os direitos humanos é um ato de amor com nervos de ferro!

No fim, tudo se resume a isto: que mundo é que escolhemos com os fios invisíveis que nos rodeiam? Aquele onde cada um se esconde dentro da sua bolha? Ou aquele onde reconhecemos o próximo como igual, mesmo que este seja tudo o que não somos?

Os direitos humanos não pedem heróis. Pedem presença, pedem os olhos abertos e os ouvidos atentos. Pedem que nos lembremos que existem, mesmo que por um pequeno momento, e que existe beleza em proteger aquilo que é de todos.

Inês Pinto, aluna do curso de Artes Visuais do 12º Ano Turma I, apresentou uma pintura a acrílico onde é retratado Aristides de Sousa Mendes, o cônsul português que aquando da Segunda Guerra Mundial salvou milhares de vidas de cidadãos que se encontravam em fuga ao regime nazi.



Os trabalhos da Matilde e da Inês, assim como os restantes trabalhos que se apresentaram a concurso, serão expostos na sede da Provedoria de Justiça (Palácio de Vilalva).

Cumpre-nos agradecer o contributo da Matilde e da Inês para a sensibilização e reflexão sobre os direitos humanos, através da expressão artística e por demonstrarem o que é SENTIR FILIPA... SER FILIPA.

A coordenadora do Projeto Escolas Associadas da Unesco

Paula Leitão

